

## **A Afrobarometro divulga**

### **Estado da Democracia**

A partir de 1990, com a realização das primeiras eleições livres e multipartidárias, a democracia vem assumindo um lugar central no campo político cabo-verdiano, constituindo-se numa das maiores conquistas no decurso da nossa história enquanto país independente.

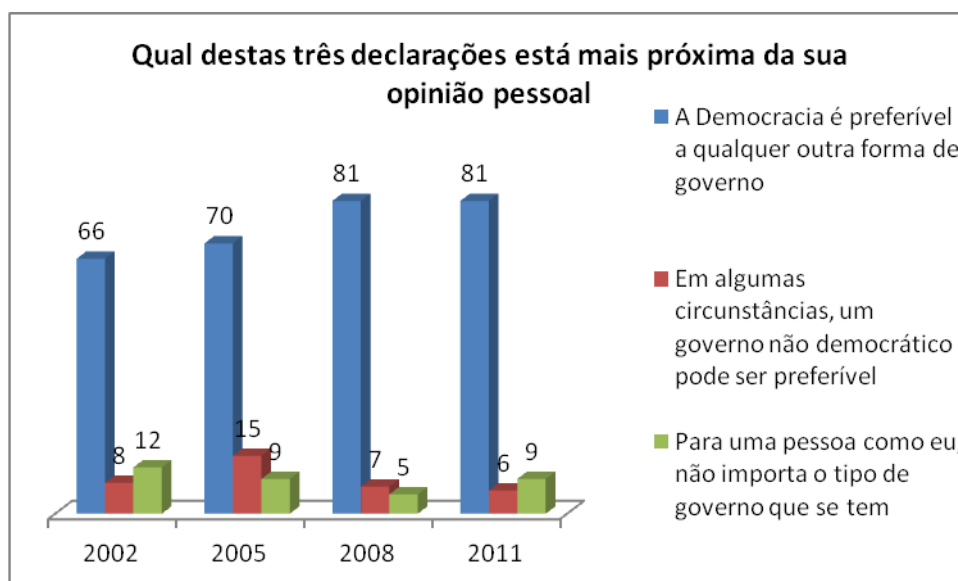
Este tema ganha centralidade no debate político quando se analisa, entre outros aspectos, a percepção que os cabo-verdianos têm sobre a qualidade da nossa democracia. Essa questão torna-se mais pertinente, se levarmos em consideração a queda registada na confiabilidade da democracia como sistema político, não só em países desenvolvidos europeus e norte-americanos, mas também nos recentes países redemocratizados tanto na América Latina, como no leste europeu.

De acordo com Carvalho (2004), um estudo publicado pela PNUD, em abril de 2004, revela existir entre os latino-americanos um desalento com a democracia, pois, 55% dentre as 18.643 indivíduos inquiridos em 18 países, declararam que aceitariam o autoritarismo se isso melhorasse a economia (...) Entre os países pesquisados, o Brasil é aquele em que o apoio à democracia parece mais débil: apenas 37% dos pesquisados dizem que a “democracia é preferível a qualquer outra forma de governo”, ou seja, 63% aceitariam o autoritarismo se isso melhorasse suas vidas. (Carvalho, 2004: 7-8)

Um estudo realizado mais recentemente pelo Instituto de Ciências Sociais em Portugal aponta também para uma insatisfação dos portugueses com a maneira como funciona a democracia neste país, com apenas 55,5% a considerar que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo (Pinto, 2012).

Em Cabo Verde, os dados relativos ao estudo da Afrobarómetro/Afrosondagem sobre a qualidade da democracia, revelam que os cabo-verdianos mostram-se democratas convictos, com 8 em cada 10 a defender que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo, o que nos coloca numa posição distinta da registada nos países atrás referidos. Se em 2002, a proporção dos que partilhavam dessa opinião situava-se nos

66%, em 2011, segundo este mesmo estudo alcançou os 81%, repetindo-se os resultados assinalados em 2008.

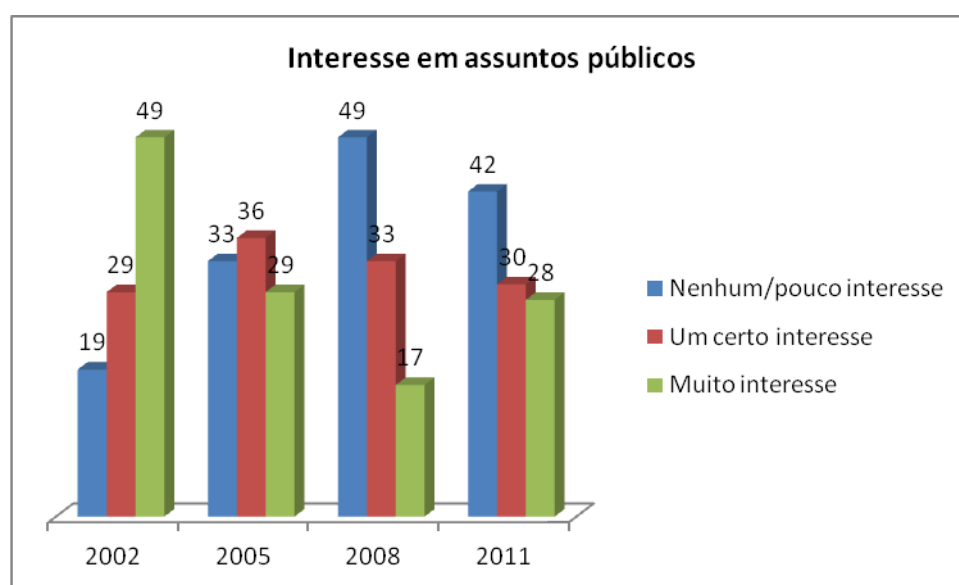


Outros aspectos que corroboram a ideia de um maior comprometimento dos cabo-verdianos com a democracia são expressos através da defesa do princípio de que a existência de muitos partidos políticos é necessária para garantir que os cabo-verdianos tenham reais oportunidades de escolha de quem os governa, com cerca de 7 em cada 10 inquiridos a assumir essa posição, bem como quando apoiam a ideia de que devíamos poder juntar-nos a qualquer organização, quer seja ou não aprovada pelo governo. Esta última opinião é partilhada por 76% dos inquiridos.

Ainda, relativamente às diferentes formas de liberdades que enformam o nosso sistema democrático, os cabo-verdianos na sua maioria entendem que gozamos dessas liberdades na sua plenitude. Deste modo, mais de 57% dos inquiridos consideram que as pessoas são completamente livres para dizerem o que pensa, contra somente 15% que entende que somos pouco ou nada livres nesta matéria; 60% defendem que a liberdade de associação é completamente livre, contra 12% que expressam opinião contrária; 77% consideram existir a liberdade total de voto, ou seja, as pessoas escolhem em quem votar sem sentir-se pressionado. Importa referir que tem-se registado progressos nesses campos, pois a proporção dos que reclamam a existência de pouca ou nenhuma liberdade, seja de associação, seja de expressão, vem diminuindo ao longo do tempo.

No entanto, denota-se claramente a existência de outros aspectos que reclamam alguma atenção, seja do ponto de vista dos eleitos, seja dos eleitores. Os cabo-verdianos “denunciam” a pouca disponibilidade demonstrada por parte dos eleitos políticos, seja a nível nacional, seja local, para no exercício das suas funções, escutar as preocupações dos eleitores. Assim, 74% dos inquiridos consideram que os deputados nacionais nunca fazem o seu melhor para ouvir aquilo que o povo tem para lhes dizer, a mesma proporção é assinalada relativamente aos vereadores.

Por outro lado, denota-se uma tendência para uma diminuição de interesse nos assuntos públicos. Se em 2002, cerca de 78% dos inquiridos responderam que estavam interessados em assuntos públicos, esta proporção caiu para 58% em 2011. Acresce-se a isto, o facto de que a maioria dos cabo-verdianos (77%) assumir que nunca discutem assuntos políticos quando se juntam com amigos e ou familiares, o que poderá estar associado eventualmente a este “distanciamento” com que os representantes se apresentam perante a comunidade.



Os cabo-verdianos associam a democracia essencialmente, à liberdade de expressão, à livre escolha dos seus representantes e à capacidade do governo em reduzir as diferenças sociais. No entanto, quando instados a escolher um aspecto como sendo a característica mais essencial da democracia, colocam em primeiro lugar a garantia de oportunidade de emprego para todos, citado por 43% dos inquiridos, seguido pela existência da competitividade e de igualdade de tratamento entre os partidos políticos nas eleições, referenciada por 27% dos respondentes.

## **Afrosondagem/Afrobarometro**